

**RETRATOS DE UMA SOCIEDADE JAPONESA MODERNA:
O ESPAÇO INTERNO E O ESPAÇO URBANO NAS OBRAS
EM LOUVOR DA SOMBRA, DE TANIZAKI (1933) E APÓS O
ANOITECER, DE MURAKAMI (2004)**

*Portraits of a modern Japanese society: The private and the urban spaces
in the works In Praise of Shadows, by Taniaki (1933) and After Dark, by
Murakamii (2004)*

Bianca Gallieri HONORIO
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal do Paraná
bghprof@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1309-4782>

RESUMO: *Em louvor das sombras*, publicado originalmente em 1933 por Tanizaki (2007), é um ensaio que explora as tradições japonesas do período Shōwa e debate a inserção dos costumes ocidentais a partir da abertura do Japão ao ocidente na metade do século XIX. Por ter sido veiculado durante esse período, que se estende de 1926 até 1989, um momento de grandes variações culturais e sociais por sua longa duração, é retratada pela obra uma visão inaugural a respeito dessa ocidentalização, em um momento de intensificação da influência externa na cultura japonesa. Em *Após o anoitecer*, de Murakami (2009), publicada em 2004 durante o período Heisei, o cenário é um Japão décadas à frente no tempo, imerso em tecnologias e costumes ocidentalizado, amplificados pela presença das grandes multidões nos centros urbanos, um espaço amplo, constantemente atravessado pela luz intensa e pelo ruído constante. Com as diferenças entre o Japão representado em cada uma das duas obras, este artigo tem como intuito realizar uma análise do espaço na obra *Após o anoitecer* e compará-la com a percepção espacial expressa por Tanizaki a respeito do Japão de um século antes.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Japonesa; Modernidade; Cultura Japonesa.

ABSTRACT: *In Praise of Shadows*, originally published in 1933 by Tanizaki (2007), is an essay that explores Japanese traditions from the Shōwa period and discusses the dissemination of Western culture from the opening of Japan to the West in the mid-nineteenth century. Considering the work was published during that period of Japan's history, which starts in 1926 and ends in 1989, a moment of great cultural and social variations due to its long duration, the essay portrays a first im-

pression regarding this westernization, in a moment of intense external influence on Japanese culture. In *After Dark*, by Murakami (2009), published in 2004 during the Heisei period, the setting is a Japan decades ahead in time, immersed in Westernized technologies and customs, amplified by the presence of large crowds in urban centers, usually wide spaces, constantly crossed by intense light and persistent noise. With the differences between Japan represented in each of the two works, this article aims to conduct an analysis of the space of *After Dark* and compare it with the spatial perception in Japanese culture introduced by Tanizaki about Japan a century earlier.

KEY WORDS: Japanese Literature; Modernity; Japanese Culture

INTRODUÇÃO

O período *Meiji*, que se iniciou no ano de 1868 e inaugurou a era moderna no Japão, é marcado pelas consequências da reinserção do país nas rotas de comércio e de contato com o mundo ocidental¹, fato que ocorreu nos anos finais do período *Edo*. O crescimento tecnológico na era moderna japonesa, motivado e influenciado pelo contato com outras nações, transformou profundamente os modos de vida da população local, além de consequentemente ter suscitado uma reforma nas instituições japonesas.

A popularização de criações como o telefone, o trem e a eletricidade entre os habitantes do país, e as inúmeras mudanças políticas e sociais que acometeram o Japão a partir do período *Meiji* resultaram na modernização do Estado e das instituições, além de submetê-los a uma transformação que se reflete até hoje em alguns dos hábitos da população. O termo que frequentemente se utiliza para se referir a esse momento de intensas mudanças em língua japonesa é *bunmei-kaika*² (BARY, 1993).

Ainda que possa ser vista e interpretada como um prolongamento da modernização que ocorria na Europa, por ser produto do contato japonês com o resto do mundo, a modernidade que transforma o Japão ocorre com características distintas daquelas observadas nas sociedades ocidentais (EISENSTADT, 2010)³. Os contrastes entre a preservação das tradições e um desenvolvimento tecnológico acelerado compõem um cenário singular, que é parte da identidade do povo japonês e da imagem do país que é hoje amplamente difundida no exterior.

Não obstante as mudanças evidentes nos campos econômico e social, parte da cultura tradicional japonesa sobreviveu ao processo de modernização do país. Entre

1 Sakoku foi a política de isolamento que perdurou em parte do período Edo no Japão, alcançando seu fim em 1854, com o Tratado de Kanagawa, assinado com os Estados Unidos pouco antes do início do período Meiji [1868 - 1912]. O momento final do período Edo é conhecido como Bakumatsu e é marcado pelo fim do isolamento do país, assim como a transição gradual do xogunato como forma de governo para o Império.

2 Bunmei-kaika é um termo utilizado para se referir ao processo de desenvolvimento tecnológico e de ocidentalização do Japão durante e após o período Meiji em japonês (BARY, 1993).

3 Eisenstadt (2010, p. 11), ao tratar da modernidade japonesa, reforça que a modernidade ocorre de modo particular em cada lugar: “a hipótese básica da abordagem das múltiplas modernidades é a de que as ordens institucionais modernas de modernidade (as quais se desenvolveram com a institucionalização das ordens culturais e políticas da modernidade) não se desenvolveram de modo uniforme ao redor do mundo”.

alguns dos exemplos de tradições que persistem na sociedade japonesa do século XXI, ainda que por meio de adaptações ao ritmo da vida moderna, estão atividades como a prática da cerimônia do chá, a caligrafia japonesa, a elaboração dos jardins japoneses e um grande número de celebrações e crenças preservadas pelos habitantes do país.

Relatos a respeito do processo de transformação dos costumes japoneses ainda hoje podem ser acessados por meio dos registros de escritores e pensadores contemporâneos a essas mudanças. Obras como *Eu sou um gato*⁴, de Natsume (2008), que traz como uma das temáticas o contato com o Ocidente e a modernização do Japão a partir da visão de um personagem felino, e *O país das neves*⁵, de Kawabata (2004), que explora também as diferenças entre os costumes da vida urbana e reaproximação com os símbolos tradicionais da cultura japonesa, são exemplos de como o tema da modernidade foi representado pela arte da época.

A literatura, como uma forma artística que eventualmente reflete e reinterpreta aspectos da vida humana, pode apresentar uma variedade de nuances e recortes a respeito de contextos sócio-históricos e culturais correntes no momento da publicação da obra. Roscoe e Al-Mahrooqi (2012, p. 8) reforçam essa característica da literatura a partir do seguinte excerto: “written language in its literary form reveals of course not just the identity of individuals but the characteristics of whole societies - their values, their economies, their history, the landscape they live in, their strategies for survival⁶”

Uma vez postas em discussão uma obra ensaística de Tanizaki (2007), que reiteradamente trata do espaço em mudança que cerca o autor, e uma obra ficcional de Murakami (2009), ambientada em uma metrópole, surge o objetivo deste estudo: analisar as reverberações dos relatos a respeito da modernidade em obras literárias, comparando a dimensão espacial de *Após o anoitecer* aos pontos de análise da sociedade e cultura japonesas presentes em *Em louvor da sombra*.

4 Obra publicada originalmente no ano de 1905, durante o período *Meiji*.

5 Obra publicada originalmente no ano de 1935, durante o período *Shōwa*.

6 Nota de tradução: “a linguagem escrita em sua forma literária revela, é claro, não apenas a identidade dos indivíduos, mas também as características de sociedades inteiras - seus valores, suas economias, sua história, a paisagem em que vivem, suas estratégias de sobrevivência” (ROSCOE; AL-MAHROOQI, 2012, p. 8). Tradução nossa.

A EXPANSÃO URBANA OCIDENTAL NA MODERNIDADE E SEUS RE-FLEXOS NA SOCIEDADE JAPONESA

O período transitório do sistema de *xogunato*⁷ ao império japonês na Restauração *Meiji*⁸ é também recordado como cenário de inúmeras revoluções e inovações técnicas, sociais e culturais: “trata-se de um fenômeno histórico excepcional, quando se deu a transformação de um Japão atrasado economicamente para uma potência, num curto espaço de décadas” (MOTOYAMA, 1994, p. 93).

Por se tratar de um tema de grande complexidade, a discussão sobre a sociedade japonesa e sua relação com o desenvolvimento técnico é resumida neste estudo a reflexões que apontam, em ambos os textos discutidos, traços desse processo de mudança. Para explorar de modo eficaz questões mais complexas e amplas a respeito da organização social do país, considera-se necessário a elaboração de estudos acadêmicos de maior profundidade.

Para trabalhar com a ideia de modernidade no Japão, optou -se por uma visão crítica a respeito da tecnologia⁹, que não a considera como algo neutro nas sociedades em que está inserida. Tal perspectiva é defendida por autores como Feenberg (2002, p. v) e reforça uma visão ideológica e parcial da tecnologia e de seus usos, a qual é enfatizada por excertos como este:

modern technology as we know it is no more neutral than medieval cathedrals or the Great Wall of China; it embodies the values of a particular industrial civilization and especially those of elites that rest their claims to hegemony on technical mastery¹⁰.

7 No período do *xogunato* havia um forte interesse em se preservar a estabilidade do país (MOTOYAMA, 1994). Por tal motivo, o contato com estrangeiros foi desestimulado e posteriormente proibido nesse período, como forma de preservar a soberania e o controle do Japão: “Os próprios japoneses foram proibidos de saírem das suas fronteiras. Pior. Os que estavam no território (sic) estrangeiros foram impedidos de retornarem” (MOTOYAMA, 1994, p. 94).

8 A Restauração *Meiji* teve início em 1868 e foi um período histórico de intensas reformas sociais, políticas e econômicas para a aceleração do desenvolvimento e da modernização do Japão.

9 Nesta visão teórica, optou-se por se fazer o uso indistinto dos termos técnica e tecnologia.

10 Nota de tradução: ‘a tecnologia moderna como a conhecemos não é mais neutra do que as catedrais medievais ou a Grande Muralha da China; ele incorpora os valores de uma civilização industrial particular e especialmente aqueles das elites que baseiam suas reivindicações de hegemonia no domínio técnico’ (FEENBERG, 2002, p. v) .

Por interesses políticos e ideológicos, o uso de tecnologias advindas de outras nações submeteram a sociedade japonesa a um processo de globalização criticado por muitos pensadores da época, mas também incentivado por outras personalidades do mesmo período¹¹. Apesar de reações diversas por parte da classe artística, tais renovações incessantes são parte da experiência moderna, como enfatiza Hall (2014, p. 12): “as sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente”.

O cenário que cerca as obras de Murakami (2009) e Tanizaki (2007) é predominantemente urbano, mesmo que haja muitas diferenças entre os espaços descritos em cada obra. Isso ocorre em razão da variabilidade dos significados e representações do termo *cidade* na modernidade, diferença acentuada por sete décadas que separam as datas de publicação dessas obras. Assim, apesar da variedade de definições, as grandes cidades do século XX se estabelecem como símbolos de mobilidade, globalização, progresso técnico e hibridização cultural: “urban areas around the world, but particularly in the developed world, are increasingly multiethnic and multicultural¹²” (CASTELLS, 2005, p. 12).

No Japão, as cidades passam a crescer desenfreadamente e de modo mais significativo a partir do período *Meiji*. Tóquio, Osaka e Kyoto, por exemplo, consolidam-se como grandes polos culturais, sociais e industriais do país, a partir do desenvolvimento e adaptação de inovações que expandiram o crescimento populacional e que estabeleceram novas diretrizes de comportamento e atitude aos habitantes desses locais. Na literatura japonesa moderna, o espaço da cidade passa também a ganhar destaque como o grande cenário que emoldura uma série de enredos e narrativas.

Na literatura ocidental, o desenvolvimento urbano no início da era moderna é descrito por alguns autores de grande importância da época, como é o caso de Baudelaire (1948). A ideia de uma Paris nova e reformulada chega também a cidades japonesas, que passam a contar com trens, pavimentos, calçadas, áreas comerciais de grande trânsito de pessoas e, mais tardiamente, com automóveis particulares que disputam espaços com as

11 Natsume (2008) é um dos autores que representa de modo mais intenso a dualidade do contato e da influência dos costumes estrangeiros na cultura japonesa, muitas vezes em tom de crítica como no excerto a seguir, retirado da obra *Eu sou um gato*: “fortes são os ocidentais e é necessário imitá-los a qualquer custo, mesmo expondo-se ao ridículo” (NATSUME, 2008, p. 270).

12 Nota de tradução: ‘áreas urbanas em todo o mundo, mas particularmente no mundo desenvolvido, são cada vez mais multiétnicas e multiculturais’ (CASTELLS, 2005, p. 12). Tradução nossa.

malhas ferroviárias e de transporte público urbano. Berman (1986, p. 12) discorre sobre esse momento da modernidade nos centros urbanos no seguinte excerto:

se nos adiantarmos cerca de um século, para tentar identificar os timbres e ritmos peculiares da modernidade do século XIX, a primeira coisa que observaremos será a nova paisagem, altamente desenvolvida, diferenciada e dinâmica, na qual tem lugar a experiência moderna. Trata-se de uma paisagem de engenhos a vapor, fábricas automatizadas, ferrovias, amplas novas zonas industriais; prolíficas cidades que cresceram do dia para a noite, quase sempre com aterradoras conseqüências para o ser humano; jornais diários, telégrafos, telefones e outros instrumentos de media, que se comunicam em escala cada vez maior; Estados nacionais cada vez mais fortes e conglomerados multinacionais de capital; movimentos sociais de massa, que lutam contra essas modernizações de cima para baixo, contando só com seus próprios meios de modernização de baixo para cima; um mercado mundial que a tudo abarca, em crescente expansão, capaz de um estorrecedor desperdício e devastação, capaz de tudo exceto solidez e estabilidade

Em *O país das neves*, de Kawabata (2004), obra da primeira parte do século XX, é possível perceber um reflexo do desenvolvimento tecnológico das grandes cidades japonesas em contraste com os pequenos povoados isolados. Shimamura, personagem central da obra, vive uma vida em Tóquio que difere profundamente daquela descrita a partir de seu ponto de vista no *país das neves*. A figura do trem, como imagem significativa da progressão tecnológica da época, ilustra a ideia de expansão urbana por meio dos transportes e do movimento: “atravessava-se um longo túnel e lá estava o País das Neves. A noite assumiu um fundo branco. O trem parou num entroncamento” (KAWABATA, 2004, p. 9).

Ao se evocar *Em louvor da sombra*, ensaio de Tanizaki (2007), evidencia-se que o Japão moderno, não mais recluso em si mesmo e ponto de grande interesse das sociedades ocidentais, representa características que se reproduzem e se complexificam, posteriormente, em descrições literárias do espaço de outras obras da literatura como as de Murakami (2009). No cenário urbano, a comparação entre as percepções de Tanizaki (2007) e a ficção de Murakami (2009) se constrói nos espaços internos e externos de vivência social e cultural da cidade.

VERSÕES LITERÁRIAS DE UM JAPÃO EM PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO: O ESPAÇO DAS CIDADES E DAS CASAS JAPONESAS

Em louvor da sombra, ensaio apresentado ao público pela primeira vez em 1933, está na iminência da modernização e de um processo de ocidentalização da sociedade japonesa, momento que ocorre logo após a transição do período *Taishō* para o período *Shōwa*. O ensaio apresenta discussões pertinentes a um período de florescimento de uma nova identidade japonesa e de embate frequente entre fatores culturais discrepantes, que misturava características do antigo e recluso Japão, ao tecnológico e cosmopolita horizonte que alguns anos depois se tornaria uma realidade no país.

Após o anoitecer, em relação ao cenário da obra de Tanizaki (2007), representa ficcionalmente os resultados e as consequências da intensificação do contato cultural do Japão com o mundo externo em sua construção de espaço. Como um possível retrato da urbanização intensa da era *Heisei*, a obra apresenta, por meio de um cenário urbano inquieto e caótico, a reformulação de preceitos culturais de um Japão que não está mais distante do mundo e das invenções ocidentais.

Há, nas obras em questão, dois espaços distintos sendo representados: em *Em louvor das sombras*, Tanizaki (2007) discute sobre o espaço do mundo em que vivia, inspirado diretamente na realidade. Em *Após o anoitecer*, o espaço construído pelo narrador de Murakami (2009, p. 64) é romanesco. Lins (1976, p. 64) afirma que “o estudo do tempo e do espaço num romance, antes de mais nada, atém-se a esse universo romanesco e não ao mundo”. Tal diferença precisa ser exposta de modo claro, pois, mesmo que o retrato do espaço na obra de Murakami (2009) se assemelhe a cenários reais e possíveis, ele segue sendo um espaço exclusivamente ligado ao romance.

As duas obras discutidas neste artigo trazem retratos temporalmente distintos desse processo de mudança no Japão, pensadas neste artigo por meio da (a) análise em ambientes fechados, como as casas e estabelecimentos; e (b) em ambientes externos, como as cidades grandes e metrópoles japonesas. Para proceder com a discussão dos aspectos destacados por cada uma das duas obras, estipulou-se ainda alguns pontos de interesse da análise: (i) eletricidade, luminosidade em oposição à sombra; (ii) invenções modernas nas casas japonesas; (iii) disposição e decoração do ambiente interno e (iv) ambiente externo das grandes cidades e a inovação tecnológica.

As casas japonesas e a composição do ambiente interno em *Após o Anoitecer*

Na obra *Em louvor da sombra*, um primeiro destaque proposto pelo recorte temático deste artigo se apresenta na questão da presença e do uso da luz elétrica em ambientes fechados. Tanizaki (2007) enfatiza certa aversão ao uso excessivo da energia elétrica em ambientes internos, mas reconhece a dificuldade de se abster das comodidades providas pelo advento da eletricidade, sobretudo em objetos como aquecedores e alguns outros, também condicionados ao uso da luz elétrica.

Sua reprovação diante da transformação dos costumes, no entanto, resulta em ideias e estratégias de decoração de ambientes internos da casa, que visam a disfarçar a presença desses objetos de origem estrangeira em uma casa japonesa em vez de excluí-los do uso diário da população local de forma indiscriminada.

O telefone, por exemplo, é exposto no texto de Tanizaki (2007) como uma desses elementos ocidentais que adentraram também as casas japonesas e alteram a decoração e a harmonia desses espaços. Como sugestão aos puristas das tradições e costumes japoneses, Tanizaki (2007) aponta a retirada do alcance dos olhos de tais objetos que se apresentam de modo discrepante em relação à estética japonesa clássica: “o purista dará tratos à imaginação para, por exemplo, tomar menos conspícua a presença de um simples aparelho telefônico, relegando-o para o fundo de uma caixa de escada ou o canto escuro de um corredor” (TANIZAKI, 2007, p. 8).

Em *Após o anoitecer*, o telefone é um objeto normalizado no cotidiano das famílias japonesas, de modo a estar presente até mesmo nos quartos das residências. A posição que se contrapõe à ideia de Tanizaki (2007) de se esconder objetos de origens estrangeiras para preservar a estética e a harmonia da casa japonesa é ressaltada no excerto a seguir, em que parte do quarto da personagem Eri é descrito na obra de Murakami (2009, p. 31):

no canto da parede há uma cama simples de solteiro, de madeira, onde Eri Asai está dormindo. A colcha é de tecido branco e liso. Na prateleira na parede oposta à cama, há um aparelho estéreo compacto e alguns CDs empilhados. Ao lado, temos um telefone e uma televisão 18 polegadas e uma cômoda com espelho.

Com a diferença temporal que separa a ambientação da obra de Murakami (2009) do período de publicação do ensaio de Tanizaki (2007), percebe-se uma mudança da relação da sociedade japonesa com itens provenientes de outros países e adaptados às necessidades da população local. O telefone deixa de ser disfarçado nos espaços

internos de convivência e passa a representar uma tecnologia essencial à vida moderna, repetidamente encontrada em diversos ambientes das casas japonesas.

As descrições do quarto de Eri Asai elaboram, a partir do narrador onisciente da obra de Murakami (2009), uma visão bastante completa do espaço ao seu leitor, que segue a descrição do ambiente tal qual uma câmera que transmite os lugares explorados e relevantes para a construção da narrativa: “nosso ponto de vista, agora, assume a forma de uma câmera a pairar no ar, capaz de movimentar-se livremente dentro do quarto”. (MURAKAMI, 2009, p. 29). Além do telefone e do aparelho de som, mencionados no excerto mencionado anteriormente, outros objetos que remetem ao processo de industrialização e modernização do Japão são encontrados no quarto da personagem.

A televisão, por exemplo, é mais um símbolo do progresso técnico inerente às sociedades modernas do século XX. Ainda que o aparelho não estivesse presente na época da escrita do ensaio de Tanizaki (2007) para fins de comparação, é pertinente dizer que a existência desses objetos é indiscutivelmente um dos símbolos mais enfáticos da mudança das formas de comunicação no país, uma consequência da aproximação estrangeira sobre o qual discorria e alertava Tanizaki (2007) em sua época. Murakami (2009, p. 33) trata, por meio do seu narrador, da presença do televisor nos ambientes de sua narrativa:

a TV é o novo ser que invade o quarto. É claro que nós também somos invasores. Mas, diferente de nós, o novo invasor não é silencioso nem tampouco invisível. E, também, não é imparcial. Não há dúvidas de que ele quer intervir neste quarto.

Tanizaki (2007) expõe em seu texto que evitar a entrada desses novos elementos nas casas japonesas é algo difícil e improvável¹³, então os esforços devem se concentrar em torná-los menos evidentes. No espaço descrito pelo narrador de Murakami (2009), escondê-los não é mais uma preocupação, pois tais itens se tornaram parte indispensável da vida da família japonesa moderna do final do século XX e do início do século XXI.

A oposição à luminosidade e a predileção pela sombra são parte do apreço de Tanizaki (2007) pelas tradições tipicamente japonesas, sendo esses dois pontos essenciais da constituição do modo de vida japonês na perspectiva do autor. Muitas das invenções

13 No trecho a seguir, Tanizaki (2007) reconhece a dificuldade de se alterar os rumos seguidos pela sociedade japonesa com a intensificação da ocidentalização nos costumes japoneses: “o Japão já segue a mesma rota de desenvolvimento percorrida pela civilização ocidental, e cabe a nós, idosos, pormo-nos de lado para permitir o avanço decisivo do nosso país. E enquanto essa for a cor de nossa pele, temos para sempre de nos resignar com desvantagens que só a nós coube” (TANIZAKI, 2007, p. 62)

modernas, no entanto, a partir do uso da eletricidade, caminharam em sentido contrário à visão de Tanizaki (2007).

Mesmo com o autor se opondo aos usos excessivos da luminosidade artificial e da eletricidade em ambientes fechados, a relação da sociedade japonesa com esses aparatos técnicos, já na época de publicação da obra, era reconhecidamente irreversível e difícil de ignorar. Tanizaki (2007, p. 16) discute o uso de alguns aparelhos modernos a seguir: “luminárias, aquecedores e aparelhos sanitários são modernidades a cuja adoção não me oponho; mas como foi que nós, os japoneses, não nos empenhamos em aperfeiçoá-los para melhor conformá-los a nossos hábitos, gostos e modo de vida?”.

Assim, o ensaio discute a sombra e a penumbra como elementos essenciais da preservação de um modo japonês de viver e interpretar o mundo. A oposição do autor também ao brilho e a cintilância nos ambientes internos é apresentada na descrição de Tanizaki (2007) sobre um tema bastante específico: a dificuldade de se encontrar aparelhos sanitários que não trouxessem nenhum tipo de luminescência ou metalização nos detalhes, sendo essa uma característica tipicamente atrelada à decoração de ambientes de outras proveniências:

àquela altura, porém, problema maior foi escolher o aparelho sanitário. Como todos sabem, os disponíveis no mercado são todos imaculadamente brancos e têm detalhes metálicos brilhantes. Por meu gosto, optaria por vasos de madeira, um exclusivamente masculino e outro feminino (TANIZAKI, 2007, p. 15)

Tal relação do brilho dos objetos em tecnologias novas e antigas é retratada por Murakami (2009) de modo sutil em sua obra, na fala de um funcionário de um bar visitado pelas personagens Kaoru e Mari. O personagem que cuida do estabelecimento afirma uma posição adversa em relação ao uso de tecnologias como o CD, optando por construir a ambientação sonora do estabelecimento por meio de discos de vinil e de um toca-discos: “- não gosto de CDs - responde o barman. / - Por quê? / - Porque são brilhantes demais” (MURAKAMI, 2009, p. 67).

A descrição do ambiente do restaurante *Denny's*, logo ao início da obra de Murakami (2009), apresenta alguns desses embates, de modo que a decoração por vezes é mais fiel à tradição japonesa, ou, em outros casos, mais próxima do convívio com objetos e experiências ligadas ao que é estrangeiro: “nada tem de muito especial, mas a iluminação é adequada; a decoração e as louças são neutras; [...] a música ambiente é discreta e o volume é baixo” (MURAKAMI, 2009, p. 8).

A transformação do Oriente é trazida por Tanizaki (2007) como uma espécie de desvio do curso natural da sociedade japonesa, que até o momento de abertura ao exterior seguia a sua própria rota. Nas casas japonesas e estabelecimentos comerciais, tal qual aquela apresentada pelo narrador da ficção de Murakami (2009), a influência do que é estrangeiro se revela em meio aos elementos tradicionalmente japoneses que ainda se misturam à decoração interna das casas. O convívio de essas duas visões a respeito de organização e decoração dos ambientes internos são símbolos da confluência entre o que é tradicionalmente local e o que está ligado à modernização incentivada por tudo aquilo que é estrangeiro ao território japonês.

As cidades japonesas e a composição do cenário urbano em *Após o Anoitecer*

Ao ampliarmos a discussão do espaço interno das casas japonesas para o ambiente externo das cidades modernas, a luz elétrica se mostra um elemento predominante, seja na iluminação pública, nas placas e nos carros, ou mesmo dentro de estabelecimentos e residências, como comentado na seção anterior.

No período temporal em que se passa a narrativa de Murakami (2009), não especificado explicitamente, mas identificável e presumível a partir das tecnologias que cercam a única madrugada que se estende do início ao fim do livro, o espaço urbano é atravessado pela presença insistente da luz elétrica como elemento inquestionável e representativo da abrangente modernização do espaço físico:

o nosso olhar escolhe um local com alta concentração de luzes e ajustar o foco. Lenta e silenciosamente descemos nessa direção. Mergulhamos num mar de luzes neon multicoloridas. Um local movimentado, conhecido como uma área de diversão. Edifícios - repletos de gigantescas telas digitais - adentraram silenciosamente as fronteiras da meia-noite (MURAKAMI, 2009, p. 7)

No excerto acima, a cidade ambientada pelo narrador de Murakami (2009), em comparação com as primeiras descrições de Tanizaki (2007) a respeito da cultura japonesa na década de 1930, apresenta uma intensa mudança visual e estrutural, fruto de um crescimento acelerado do Japão nas últimas décadas.

As diferenças de dimensão entre as cidades japonesas do passado e do presente também são acentuadas graças ao uso de tecnologias de transporte, comunicação e aprimoramento industrial e científico que alteram modos de vida da população urbana desses espaços. O uso corrente desses aparatos tecnológicos modernos na vida em

sociedade no Japão, sobretudo os que estão ligados à eletricidade e à iluminação, tornou-se símbolo de um país que é hoje uma grande potência no desenvolvimento de produtos de tecnologias de ponta.

A sombra, retomada como um dos principais focos da discussão trazida por Tanizaki (2007), sobrevive à cidade em plena ameaça diante da grande quantidade de luzes instaladas no ambiente público. Conforme comentado anteriormente, Tanizaki (2007) reconhece a impossibilidade de se desfazer por completo da eletricidade já ao início da era *Shōwa*. Tanizaki (2007, p. 8) comenta no trecho a seguir o uso da lâmpada:

no caso das lâmpadas elétricas, por exemplo, a verdade é que nossos olhos já se habituaram à presença delas e, a tomar meias medidas inadequadas com o intuito de camuflá-las, creio ser muito melhor mantê-las nuas apenas protegidas por convencionais quebra-luzes de vidro leitoso, pois assim terão aspecto mais simples, natural. Tanto é verdade que, quando viajo por uma região rural ao entardecer e avistou pela janela do trem uma dessas lâmpadas providas de antiquado quebra-luz leitoso a bilhas solitária por trás de shoji de rusticas casas colimadas, o cenário chega a um parecer poético (TANIZAKI, 2007, p. 8).

As consequências da popularização dos usos da energia elétrica na sociedade japonesa são visíveis em ficções como a de Murakami (2009): os espaços noturnos socialmente frequentados da cidade são um fruto da possibilidade de se iluminar áreas e ambientes no período da noite. Assim, esses espaços se tornam utilizáveis também em horários em que não há iluminação solar, tornando-os adaptáveis às necessidades sociais e de consumo de uma população em crescimento.

Com a expansão física das cidades, também as aglomerações sociais crescem em tamanho: tal qual se expôs a respeito da visão de Berman (1986) sobre as cidades modernas, as características descritas por Tanizaki (2007) adentram uma nova dimensão, trazendo ao ambiente urbano japonês uma mescla particular entre o antigo e o contemporâneo. O narrador de *Após o anoitecer* traz ao leitor a seguinte imagem da cidade:

estamos vendo a imagem da cidade. Ela é captada pelo olhar de um pássaro notívago a sobrevoar bem alto ao céu. A cidade, em perspectiva, é um ser vivo gigante; um aglomerado de vidas que se entrelaçam. Inúmeros vasos sanguíneos estendem-se às mais recônditas extremidades do corpo, circulando o sangue e substituindo células, ininterruptamente. Através deles, novas informações são transmitidas e as antigas, recolhidas; novos desejos de consumo são transmitidos e os antigos, recolhidos; novas contradições são transmitidas e as antigas,

recolhidas. Esse corpo ritmado pela pulsação, emite por toda parte pequenos lampejos de luz, produz calor e se move discretamente. A meia-noite se aproxima e, apesar de o horário de pico já ter passado, o metabolismo basal - para a manutenção da vida - continua, sem sinais de desaceleração. O gemido da cidade soa como uma melodia em baixo contínuo. Um gemido monótono e constante que incuba a percepção do porvir (MURAKAMI, 2009, p. 7)

Não apenas os aspectos visuais da cidade indicam a mudança de paradigma a partir da modernização do espaço: a questão do som também é de importância para a construção do espaço urbano e para a ambientação de espaços concretos ou ficcionais. Enquanto se fala de um *gemido da cidade* como um som contínuo mesmo na noite da metrópole em Murakami (2009), o som gerado por apetrechos eletrônicos é apontado por escritores como Tanizaki (2007), que menciona o barulho do ventilador como um empecilho na harmonização dos ambientes tradicionais japoneses.

Além dos sons da metrópole, os meios de transportes da cidade, que possibilitam a locomoção rápida e que por vezes desenvolvem economicamente diversas áreas dos centros urbanos estão representadas pela figura do trem na obra de Murakami (2009), também mencionada neste artigo a partir da obra de Kawabata (2004) como um símbolo importante da modernidade. Na cena descrita pelo narrador de Murakami (2009) os personagens se encontram em uma estação de trem:

ela passa pela catraca, segue até a plataforma e desaparece num dos vagões do trem expresso. Takahashi a acompanha com o olhar até ela entrar no trem. O apito de partida soa na estação e a porta se fecha. O trem parte da plataforma” (MURAKAMI, 2009, p. 195)

Na obra de Tanizaki (2007), ainda que não se fale explicitamente de meios de transporte, faz-se uma breve menção a instalação de semáforos nas cidades japonesas. O argumento de oposição de Tanizaki (2007, p. 59) reforça as dificuldades que a população idosa para se locomover pela cidade: “salvam-se apenas os velhos ricos que podem ser conduzidos de carro, mas eu mesmo fico com os nervos à flor da pele nas ocasiões em que tenho de ir a Osaka e, lá chegando, preciso atravessar uma rua”.

A sombra, a opacidade e o silêncio aos poucos se perdem na dimensão assombrosa das grandes cidades japonesas e dos ambientes urbanos de grande ocupação. Assim, constituída em um mundo de contrastes entre o espaço público e privado, a luz e a sombra, o silêncio e o ruído, o cenário urbano e noturno de *Após o anoitecer* é um indicativo, em termos ficcionais, de uma realidade japonesa fortemente globalizada, não obstante a

presença ainda imponente de uma vertente tradicional de pensamento que, ao seu modo, resiste até hoje no modo único do indivíduo japonês de construir, transitar e atuar nos espaços da cidade.

As diferenças entre a descrição e a crítica da sociedade japonesa feitas por Tanizaki (2007) e o cenário presente na obra de Murakami (2009), apresentado por seu narrador, apresenta ao leitor de ambas as obras um Japão muito distinto nos aspectos sociais e culturais. A transformação de certos costumes e a intensificação da modernização aparece em cada uma das obras em profundidades e momentos distintos.

Ao se compararem a visão de Tanizaki (2007) com as descrições da obra ficcional de Murakami (2009), percebe-se que a introdução de hábitos e costumes de outras origens na cultura japonesa se tornou mais intensa nas sete décadas que separam a publicação de ambas as obras. Assim, a fusão entre aspectos tão distintos resultou nos traços, símbolos e paradigmas que hoje representam as ideias mais gerais do que é a cultura japonesa dos séculos XX e XXI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade japonesa dos séculos XIX a XXI, que incorporou alguns elementos estrangeiros aos modos de vida do país, sofreu modificações profundas após a abertura da nação ao contato com o mundo externo ao território japonês. O seu processo de mudança é retratado, discutido e criticado pela produção artística oriunda desse período. Em uma série de obras literárias, a abertura gradual do Japão ao resto do mundo é fator de debate e inspiração no retrato das mudanças profundas sofridas no espaço urbano.

Em obras como *Em louvor da sombra*, de Tanizaki (2007), os primeiros contatos mais intensos entre cultura japonesa e a cultura estrangeira são expostos por meio da visão de um autor imerso em um contexto de mudanças significativas, demonstrando em partes estar relutante em relação ao abandono de tradições seculares japonesas. O tratamento direto dessas divergências faz desse um retrato interessante das discrepâncias culturais provenientes do contato com o Ocidente no século XX.

Após o anoitecer, de Murakami (2009), de modo ficcional, traz no cerne do espaço literário da obra a questão do desenvolvimento das cidades japonesas e do crescimento urbano acentuado. Ao representar uma ambientação particular desse período temporal, a obra de Murakami (2009) é um retrato dessas mudanças importantes para a sociedade japonesa.

Inevitavelmente, há resquícios de uma inspiração clara das mudanças sociais e culturais intensificadas no Japão da era *Shōwa*, tanto em obras ficcionais, quanto em

ensaios a respeito do tema. De reflexos de uma cultura quase impenetrável perpetuada pelo Japão do Período *Edo*, até a mentalidade e costumes da era *Shōwa*, são representadas nos textos a consolidação das mudanças técnicas que se assimilaram aos cenários físicos, políticos e sociais pertencentes a cada obra.

Os debates que englobaram neste estudo as diferentes visões a respeito do progresso tecnológico que acomete o Japão moderno a partir da era *Meiji* tiveram como objetivo destacar principais pontos de interesse retratados nas duas obras em um contexto histórico e social de grande importância para a concepção do Japão moderno como uma nação. Posteriormente, é possível desenvolver e aprofundar, em trabalhos futuros, os contrastes e semelhanças relacionados ao confronto das duas obras.

De modo adicional, as discussões a respeito do espaço aqui reunidas abrem caminho para ampliações e desdobramentos que consideram outros aspectos desse processo de mudança sofrido pela sociedade japonesa. Quando em comparação com outras obras do mesmo período temporal, mais pontos de destaque podem ser enfatizados, promovendo assim elementos de pesquisa e debate interessantes a respeito da transição cultural da sociedade japonesa.

A ambientação da obra de Murakami (2009) é, portanto, uma representação literária dos prolongamentos das mudanças narradas por Tanizaki (2007) em seu ensaio. Tratando-se de um texto ficcional, não é possível atribuir à obra uma relação direta com a realidade, de modo que análise aqui realizada visa a apenas perceber como elementos narrados e explorados por Tanizaki (2007) aparecem, sete décadas depois, retratados em obras literárias do Japão moderno. Cabe a este artigo, então, limitar suas análises aos modos pelos quais o universo ficcional de Murakami (2009) escolheu representar uma ampla realidade japonesa, sem que haja efetivo compromisso em realizar essa representação de modo fiel à realidade material.

REFERÊNCIAS

BARY, B. de. Introduction. In: KŌJIN, K. **Origins of modern japanese literature**. Londres: Duke University Press, 1993.

BAUDELAIRE, C. **Le spleen de Paris**: petits poemes en prose. Switzerland: Éditions de la Cité, 1948.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Schwarcz, 1986.

CASTELLS, M. Urban sociology in the twenty-first century. **Cidades**: comunidades e territórios. Lisboa, n 5, 2002. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/cct/article/view/9160>. Acesso em: 10 mar. 2023.

EISENSTADT, S. N. **Modernidade japonesa**: a primeira modernidade múltipla não ocidental. **Dados**. São Paulo, v. 53 n. 1, 2010 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/c74PNny8HqpcT7FbYyL33fz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2023.

FEENBERG, A. **Transforming technology**: a critical theory revisited. New York: Oxford University Press, 2002.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

KAWABATA, Y. **O país das neves**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

LINS, O. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

MOTOYAMA, S. Ciência, cultura e a tecnologia e a restauração Meiji. **Estudos Japoneses**, n. 14, p. 93-100, 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/142706>. Acesso em 10 mar. 2023.

MURAKAMI, H. **Após o anoitecer**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

NATSUME, S. **Eu sou um gato**. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

ROSCOE A., AL-MAHROOQI, R. (Orgs.) **Literacy, literature and identity**: multiple perspectives. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2012.

TANIZAKI, J. **Em louvor da sombra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Recebido em: 03 abr. 2023.

Aceito em: 23 mai. 2023.